

“ENTRE OS MUROS DA ESCOLA”: ENSAIOS DE UMA DISCUSSÃO ACERCA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR EM AMBIENTES ESCOLARES

Rosane Andréia Silva dos Santos¹; Renata do Socorro Lima da Silva²; Diana Claudia Portal Pereira

1. Discente do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará; rosanesilva492@gmail.com; 2. Discente do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará; relima93@hotmail.com; 3. Professora Me. da Universidade Federal do Pará; dianaportal@ig.com.br

RESUMO

A prática pedagógica do professor pode ser compreendida como uma prática social construída a partir de suas experiências individuais e coletivas. Este trabalho objetiva discutir sobre a prática pedagógica do professor em ambientes escolares, onde fez-se necessária análise documental, tendo como base o filme “Entre os muros da escola”. Os resultados apontam para a importância do diálogo entre família e escola, vez que a educação deve ocorrer em conjunto a outras instituições. Indica que há importância na relação dialógica entre professor e aluno, para construção do conhecimento para que a liberdade seja alcançada a partir de uma ação reflexiva crítica da realidade. Assinalam ainda, que a curiosidade do aluno deve ser estimulada pelo professor, sem ela não será possível aprender, tampouco ensinar. Diante das colocações apresentadas neste trabalho, acreditamos que o processo educativo deve transpor os muros da escola. Para isso, a educação deve ser vista como prática social em que os alunos também possam transformá-la.

Palavras-chave: Prática pedagógica, Ambientes escolares, Relação dialógica.

INTRODUÇÃO

Este trabalho irá discorrer a respeito do filme “Entre os muros da escola” escrito por François Bégaudeau (2008), nele é apresentado o cotidiano complexo de uma sala de aula da periferia francesa, durante as cenas observamos elementos pertinentes ao universo escolar que nos fazem repensar: qual o verdadeiro papel da escola? que modelo de educação realmente devemos propor aos sujeitos? devemos homogeneizar os alunos ou compreendê-los na sua especificidade? devemos ser apenas transmissores de conhecimento ou criar possibilidades para transformação da realidade?.

As questões ora advogadas nos possibilitam compreender que a escola é muito mais que um espaço de transmissão do conhecimento determinado socialmente, de controle, de punição e disciplina do comportamento. Ela deve ser compreendida como um ambiente em que as diferenças devem ser acolhidas e respeitadas, onde o professor desenvolva sua prática pedagógica alicerçada no respeito às diferenças e em uma relação dialógica, superando a relação opressor/oprimido construindo uma educação libertadora. Nessa formulação, este trabalho tem por objetivo discutir acerca da prática pedagógica do professor em ambientes escolares a partir da análise do filme “Entre os muros da escola”.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa documental, tendo como fonte o filme “Entre os muros da escola”. Nas colocações de Oliveira (2007), podemos compreender a pesquisa documental como a busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento analítico sejam eles relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, dentre vários documentos.

Em consonância com a NBR 6023 (2002, p. 2), um documento pode ser compreendido como “Qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova. Inclui impressos, manuscritos, registros audiovisuais, sonoros, magnéticos e eletrônicos, entre outros”. O filme foi analisado e destacadas cenas consideradas pertinentes para construção do trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todo o filme acontece no espaço escolar e em alguns momentos apresenta cenas que levam a família para dentro da escola, a fim de compreender a realidade vivida pelos alunos. Um desses momentos pode ser compreendido quando a mãe do aluno Souleymane é chamada para uma reunião com o Conselho disciplinar para ser comunicada das indisciplinas adotadas pelo filho durante as aulas.

No que se refere à postura da escola em chamar a família do aluno para informar o seu comportamento, Piaget (1998), é oportuno em suas considerações quando afirma que:

[...] Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (p.50).

A partir das colocações do autor compreende-se a importância da participação da família no ambiente escolar, uma vez que a educação não deve ser somente uma tarefa da escola, mas deve acontecer em conjunto a outras instituições (MARCHESI, 2004). Assim, pode-se aferir que família e escola devem comungar dos mesmos ideais e caminharem juntas para que as dificuldades e conflitos sejam superados. Nesse sentido, Reis (2007), nos fala que:

A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos (p. 6).

Uma relação dialógica entre família e escola deve ser efetivada nas mais diversas práticas educativas, tendo como alvo o desenvolvimento do aluno. A família deve, portanto, ser orientada a conhecer a realidade da escola para envolver-se no processo de ensino-aprendizagem e favorecer um bom desempenho escolar.

O filme segue com cenas que nos remete a compreender o ambiente escolar pautado em uma postura autoritária e tradicional, várias cenas exemplificam estas práticas, no entanto duas chamaram a atenção para serem analisadas. A primeira, é quando Marin professor de Francês solicita que a aluna Khoumba leia o diário de Anne Frank durante a aula, ao recusar-se, o professor autoritariamente a indaga dizendo “e desde quando a sua vontade prevalece?”. A segunda, é observada no momento em que o Diretor da escola adentra a sala de aula para informar a chegada de um novo aluno, o Diretor sustenta seu caráter de autoritarismo ao exigir que os educandos levantem-se para cumprimentá-lo enquanto autoridade da escola. Tais cenas possibilitam perceber a relação opressor/oprimido colocada por Freire (1987, p.26), quando diz que “quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam em “coisa”, em algo que é como se fosse inanimado”.

Nesse sentido, cabe lançar o olhar para a educação e percebê-la como fundamental para o processo de liberdade do oprimido. Em uma relação dialógica entre professor-aluno é possível alcançar a liberdade a partir de uma ação reflexiva crítica na realidade, pois Freire (1987, p.29), é oportuno ao dizer que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. Partindo dessas considerações, afere-se que essa libertação deve ocorrer em conjunto.

O papel do professor nesse cenário é assumir uma ação reflexiva iluminando as ações em sala de aula e mediando a construção do conhecimento do aluno. Assim, o saber construído e conquistado constitui sua prática, o que para Sacristán (1999, p.74) pode ser entendida como “[...] toda a bagagem cultural consolidada acerca da atividade educativa, que denominamos propriamente

como prática ou cultura sobre a prática”. Dito em outras palavras, a prática constitui as experiências próprias do professor, bem como as alcançadas no coletivo, configurando-se assim, uma prática social de caráter histórico cultural que vai além da prática vivida em sala de aula (CRUZ, 2004).

Pimenta e Lima (2004), apontam que a profissão do professor como tantas outras é uma prática social, e como tal temos a possibilidade de intervir na realidade, porque ela é ao mesmo tempo prática e ação, assim é importante que o professor tenha consciência de sua prática e ação pedagógica, pois elas determinam as atividades desenvolvidas no interior da escola. Dessa forma, auxilia o aluno a transpor os obstáculos na construção do seu saber. O papel do professor então, passa a ser o de propor situações problematizadas, considerando sua experiência e confrontando o cotidiano com o saber escolar, contribuindo assim para a construção do conhecimento.

Mesmo diante de algumas posições compreendidas como autoritárias tomadas pelo professor, o filme ainda apresenta cenas que corroboram para uma prática pedagógica que tem como centro o aluno, onde pode ser observada quando o professor propõe a construção do autorretrato, onde os alunos escrevem e apresentam suas histórias de vida. Quanto a isso, Freire (1996, p.21) aponta que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção”, cabendo mais uma vez ao professor contribuir para que o aluno seja construtor de sua formação e transformador de sua própria realidade.

Outra cena que merece destaque é quando em uma de suas aulas, o professor apresenta o tempo verbal “imperfeito do indicativo”, nesse instante a aluna Esmeralda o questiona porque é chamado desta forma, e não somente de imperfeito, assim, o docente abre espaço para a turma participar da discussão o que desperta a curiosidade de alguns educandos. Concordando com Freire (1996), ensinar exige curiosidade, logo, na prática do professor não deve haver autoritarismo, uma vez que dificulta ou inibe a curiosidade do aluno. Deve compreender que é a curiosidade que o move, que o inquieta e sem ela não será possível aprender, tampouco ensinar.

Quando o professor de História procura Marin a fim de realizar um trabalho conjunto, tentando articular conteúdos de História a Língua Francesa, foi observado que Marin sempre considerava os assuntos muito avançados para a turma do 8º ano e não acordou a proposta de haver um trabalho conjunto. Entende-se que é imprescindível que o professor esteja atento a renovar os saberes, saber que não pode se acomodar e estar neutro, mas deve portanto, estar convicto de que a mudança é possível para intervir na realidade (FREIRE, 1996).

Portanto, o fazer pedagógico deve estar pautado em uma relação dialógica com a família e escola, com professores despertando a curiosidade dos alunos, criando possibilidades para a

construção do conhecimento, estando convicto de que a mudança é possível, inovando suas práticas a cada dia para que assim os saberes sejam construídos e que os alunos possam tornar-se sujeitos crítico- reflexivos com a autonomia inacabada, mas consciente do inacabamento pautada por Freire (1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das colocações apresentadas neste trabalho, acreditamos que o processo educativo deve transpor os muros da escola. Para isso, a educação deve ser vista como prática social em que os alunos também possam transformá-la. Assim os sujeitos não deverão ser vistos como meros receptores ou transferidores de saberes, mas como construtores e produtores de conhecimento.

Para que a educação seja capaz de transformar a realidade social dos alunos, é necessário que lhes possibilitem meios necessários para essa transformação. Deve pautar-se em princípios fundamentais como acolhimento das diferenças, acreditar que a mudança é possível, e que aluno e professor são sujeitos deste processo.

Acredita-se que este estudo é fundamental na perspectiva da formação de professores, onde os sujeitos envolvidos devem ao adentrar a escola conhecer a realidade dos alunos, para assim propor estratégias de superação das dificuldades que surgem ao longo do processo educativo.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 6023**: informação e documentação – referências – elaboração. São Paulo: ABNT, 2000. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/>>. Acesso em 17 de dez de 2015.

CRUZ, Vera Maria Silvestri. **Avaliação da aprendizagem**: Manifestações sobre a prática pedagógica e o discurso de novas possibilidades. 2004. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

ENTRE os Muros da Escola. Direção: Laurent Cantet. Produção: Caroline Benjo e Carole Scotta. Paris: Imovision, 2008. 1 DVD.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIMENO SACRISTÁN, J. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: ARTMED Sul, 1999.

MARCHESI, Á.; Gil H. C. **Fracasso Escolar - uma perspectiva multicultural**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação?**. Traduzido por Ivete Braga. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

REIS, R. P. In. **Mundo Jovem**, nº. 373. Fev. 2007.